

A influência britânica no protestantismo português*

FERNANDO PEIXOTO**

Resumen

No se puede hablar de protestantismo en Portugal antes del siglo XIX. El régimen inquisitorial que se vivió en esta país entre los siglos XVI y XVIII no permitieron la «veleidad» de infiltraciones religiosas no católicas. La introducción del movimiento evangélico en Portugal, a partir de mediados del siglo XIX, surge con la monarquía liberal y afecta mayoritariamente a extranjeros residentes en el país; sobre todo británicos, ligados a la colonia residente en Lisboa y, ya a partir de los años de 1860, a la colonia mercantil británica establecida en la segunda ciudad del país: Porto. Verdad es que hubo anteriormente casos significativos de «contaminación», como el de George Borrow o Robert Kalley (éste en la isla de Madera), pero el verdadero «boom» ocurrirá, de hecho, a partir de la década de 1860, realizado por evangelizadores tenaces y esclarecidos.

Palabras clave: Protestantismo, historia, misión, Porto

Résumé

Avant le XIXème siècle on ne saurait parler de protestantisme au Portugal. Le régime de l'Inquisition sous lequel on vivait dans ce pays entre le XVIème et la XVIIIème siècle rendait impossible toute tentative d'une infiltration non-catholique. Le mouvement évangélique au Portugal commence à se répandre sous la monarchie libérale à partir du milieu du XIXème siècle; c'est principalement l'oeuvre d'étrangers qui se sont établis dans le pays, surtout des britanniques de la colonie résidentielle à Lisbonne et, plus tard, à partir des années soixante, du comptoir commercial établi dans la deuxième ville du pays: Porto. La vérité est que même avant il y avait des

* Fecha de recepción: 30-enero-2001.

** Rua Cândido dos Reis, 43 / 2º, 4400 Vila Nova de Gaia (Portugal). Tel. 351223797505, fax 351223746729; e-mail: fernandopeixoto@mail.pt

cas significatifs de «contagion» comme celui de George Borrow et Robert Kalley (ce dernier dans l'île de Madeira), mais la véritable explosion aura lieu seulement à partir des années soixante, par les activités d'évangélistes «sans peur et sans reproche».

Mots clés: Protestantisme, histoire, mission, Porto.

O «Réveil» e os pioneiros estrangeiros em Portugal

Não pode falar-se de protestantismo em Portugal antes do século XIX. Como afirma Guichard¹, há apenas casos esporádicos de «contaminação», individuais ou de pequenos grupos isolados, como o são as «dúvidas» de alguns humanistas do século XVI, da presença regular no nosso país, desde o século XVII, de protestantes estrangeiros e de casos, bastante raros, da conversão de portugueses que vivem no estrangeiro. Assim, não pode falar-se, para o caso português, de um verdadeiro despertar, pois se trata de um fenómeno de importação e não de algo latente, embora adormecido.

«O protestantismo que vai deixar raízes no solo português chega, entretanto, e pertence ao movimento chamado nos países anglo-saxões 'revival' e nos países de língua francesa protestantismo 'réveil', despertar. Trata-se de um movimento religioso que põe o acento no fervor e na pregação viva, contrariamente ao espírito tradicional do protestantismo histórico (reformado e luterano) mais voltado para a Palavra².»

A responsabilidade pela introdução do movimento evangélico em Portugal, no século XIX, cabe maioritariamente a estrangeiros residentes no país, sobretudo britânicos, com especial relevo para os escoceses: além de Robert Kalley e Robert M. Stewart³, também James Cassels era de ascendência escocesa).

Pela via do comércio ou da indústria, ou mesmo através de destacamentos militares, instalaram-se em Portugal significativas colónias britânicas, e desde os primeiros anos de Oitocentos vamos encontrar em Portugal personalidades ligadas a essas comunidades que, mais ou menos empenhadamente, irão contribuir para a disseminação dos ideais evangélicos. É o caso, por exemplo, de Alexander Dallas, militar britânico, que por volta de 1812 se encontra em Portugal e que mais tarde escreverá sobre os costumes nacionais⁴. Ou o de Eduardo Moser (1816-1893), nascido em Lisboa e filho do cônsul da Suécia-

1 GUICHARD, F.: «Le Protestantisme au Portugal», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 28, 1990, Fundação Calouste Gulbenkian (Paris), p.459.

2 CARDOSO, M.P.: *História do protestantismo em Portugal*, Figueira da Foz, Cadernos C.E.R. n.º 2, Dezembro de 1985, p. 17.

3 Robert M. Stewart chegou a Lisboa em 1866 como capelão da comunidade presbiteriana escocesa na capital, relacionando-se com Helena Roughton (britânica) e Ángel Mora (espanhol). Pouco depois, no convento dos Marianos, pregava já em inglês e, com intérprete, também para portugueses.

4 Alexander Dallas publica em 1818, em Nova Iorque, uma obra em 2 vols. intitulada *Félix Álvarez, ou Os costumes de Espanha...*, na qual se refere aos portugueses e ao tempo passado entre nós. Sobre a sua biografia, poderá consultar-se MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes - história breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal, a partir do século XVIII*, Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958., pp. 101/6.

Noruega, que foi comerciante e banqueiro no Porto e mais tarde feito conde de Moser. A ele se deverá a primeira tradução para português do *Livro de Oração Comum*. Já antes, contudo, os primeiros do *Réveil* surgem na ilha da Madeira, pela intervenção do médico escocês Robert Reid Kalley (1809-1888) que aí desenvolve a primeira e mais determinante acção para o verdadeiro nascimento do movimento protestante em Portugal, com a fundação, em 8 de Maio de 1845, da Igreja Presbiteriana do Funchal, primeira congregação protestante portuguesa. Por isso mesmo, «é aquela data que os presbiterianos portugueses ainda hoje celebram como a do nascimento do protestantismo em Portugal»⁵.

A fuga forçada de Kalley devido a conspiração inspirada pela Igreja Católica do Funchal e a «inevitável» emigração dos madeirenses a ele ligados levaria, entretanto, à fundação de igrejas nas Bermudas, Trinidad, Jamaica: igrejas que ainda hoje existem e seguem o culto presbiteriano português. Com a crise das plantações, algumas das comunidades vão encetar novo êxodo migratório, em 1848, e farão despontar novas igrejas, desta feita em New Jersey (Massachussets), Springfield, Jacksonville (Illinois). Mais tarde (1853-54), novas vagas de emigrantes madeirenses aportam aos EUA. Aqui irão formar-se alguns dos pastores que posteriormente virão para Portugal e organizarão a actividade evangélica no território nacional.

Mas a acção evangélica das comunidades estrangeiras vai desenvolver-se sobretudo na área de Lisboa. Já em 1660 a colónia inglesa celebrava o seu culto anglicano em casas particulares, e só em 1822, por subscrição da comunidade, se concluiu a edificação da capela de St. George, destruída por um incêndio em 6 de Abril de 1886, sendo então seu capelão o reverendo cónego Pope⁶ de ascendência irlandesa, importante dinamizador da Igreja Lusitana Católica, Apostólica, Evangélica, e de quem voltaremos a falar mais adiante⁷. Já a comunidade alemã, que possuía em Lisboa uma Igreja Luterana, restringia a sua actividade aos seus compatriotas, não fazendo qualquer propaganda entre os portugueses. Era esta, aliás, a tendência dominante entre os estrangeiros, mesmo entre os anglicanos, que não queriam afrontar a legislação portuguesa, como pode deduzir-se do depoimento do reverendo Joseph Oldknow, que nos visitou em 1854⁸. Uma das excepções será Robert Stewart, que no antigo convento dos Marianos desafia a lei, promovendo a pregação também para os portugueses.

Dos que primeiro «prospectaram o terreno» para a evangelização, alguns pouco se demoraram por cá, como George Borrow, chegado a Lisboa em 12 de Novembro de 1835 e que cinco dias depois abandonava o país, atravessando as «selvas infestadas de bandidos no Alentejo»⁹, para se refugiar em Badajoz. Embora a sua estada em Lisboa tenha

5 CARDOSO, M.P.: *Ibidem*, pp. 18/20.

6 Thomas Godfrey Pembroke Pope (1837-1902).

7 V. A *Reforma* de 24.04.1886.

8 V. OLDKNOW, J.: *A month in Portugal*, London, 1855, *passim*.

9 ASPEY, A.: *Por este caminho - origem e progresso do metodismo em Portugal no século XIX*, Porto, edição do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, 1971., p. 25, n. 1; VILAR, J.B.: *Intolerancia, y libertad en la España contemporánea. Los orígenes del Protestantismo español actual*. Pról. R. Carr. Madrid: Ed. Istmo. 1994, pp. 99-133 [cap. II: «La aventura peninsular de George Borrow»]

sido curta, a verdade é que deixou entre nós exemplares da Bíblia, como semente, o que era sem dúvida importante, num país que praticamente a desconhecia. Distribuindo também a Sagrada Escritura na sua travessia da Espanha, aí encontrou grupos de ciganos com quem se relacionou e para os quais traduziu o Evangelho de São Lucas, numa tarefa verdadeiramente pioneira que teve, sem dúvida, importantes consequências futuras. Contudo, a sua passagem pela Península saldou-se por alguma frustração, como se infere da obra que mais tarde (1842) publicaria, *The Bible in Spain*, relatando com algum amargor a sua passagem pela Ibéria¹⁰.

Numa carta datada de 19 de Janeiro de 1869 e dirigida a Richmond, James¹¹ Cassels, um português de ascendência britânica, fala da acção de igrejas de Lisboa e da actividade da família Roughton que já então realizaria em sua casa cultos em português e inglês, a que assistiam diversos portugueses. Helen Roughton superintendia mesmo uma «grande escola onde as doutrinas protestantes são ensinadas às crianças portuguesas que assistem em número de 70»¹².

Noutras zonas do país iam-se estabelecendo igualmente outras comunidades, sempre pela iniciativa de estrangeiros, como era o caso da Marinha Grande, povoação da indústria vidreira, próxima de Lisboa, onde um tal Gould, também britânico, gerente de uma fundição, se dedica com sucesso à evangelização do meio operário, e acaba despedido pelos patrões ingleses por se recusar a manter o forno da fábrica em actividade aos domingos. Ou a zona do Palhal, no Centro Norte do País, cujas minas se tornam uma importante comunidade evangélica, a partir da década de setenta, por iniciativa do engenheiro britânico Thomas Chegwin e família.

Também no Porto se fez sentir a influência estrangeira. Já a inglesa Frederica Smith, mais tarde senhora Fletcher por casamento com o cônsul dos Estados Unidos no Porto, James C. Fletcher, dava aulas bíblicas em sua casa, no Bom Sucesso (Porto), e disponibilizou mesmo a sua moradia para o trabalho inicial de Diogo Cassels, enquanto sua irmã, Amélia Hastings, casada com o comerciante britânico George Hastings, está também vinculada à acção evangélica, iniciando a prática da visita aos presos da cadeia da Relação do Porto.

Outras figuras, contudo, mantinham intensa actividade sem estarem directamente vinculadas a qualquer dos grupos então predominantes, antes mantendo uma postura (diríamos hoje) ecuménica, como foi o caso do industrial inglês George Robinson, estabelecido em Portalegre (Alto Alentejo) e que em 1877 abre aí uma missão de que os seus operários eram os principais animadores, desenvolvendo uma empenhada obra de

10 A sua obra *La Biblia en España, o Viajes, aventuras y prisiones de un inglés en su intento de difundir las Escrituras por la Península*, com introdução, notas e tradução de Manuel Azaña, foi editada pela Alianza Editorial, com a 1.ª edição em 1970, havendo uma 4.ª reimpressão (a que possuímos) datada de 1996.

11 Daqui em diante passaremos a referir-nos a James com o nome de Diogo, por ele livremente adoptado em tudo o que escrevia ou falava em Português.

12 ASPEY, A.: *Ibidem*, pp. 71-72.

pregação e de acção social. Dado o crescimento que entretanto se verificou, Robinson adquire em 1889 um teatro que adapta a templo contendo ainda dependências para escolas e habitação dos respectivos professores. Seu genro, o engenheiro Pedro de Castro da Silveira¹³, e seu filho, Jorge Wilhouse Robinson, continuarão esta acção, fundando o primeiro corpo de bombeiros voluntários na localidade, a creche João Baptista Rolo, o Montepio Operário e a Sociedade União Operária. A par destas preocupações estavam também as de humanização das condições laborais, estabelecendo a «novidade» do descanso semanal dos operários industriais e rurais bem como pensões de reforma. Quando em 1895 morre George Robinson, mais de 2.000 operários comparecem ao seu funeral. Outro exemplo interessante foi o do notável anglicano, nascido em Lisboa, Henry Maxwell Wright, brilhante pregador e o mais fecundo hinólogo em Portugal¹⁴. A ele se deve em grande parte a implantação do protestantismo no arquipélago dos Açores.

Naturalmente que as diferentes origens dos vários pioneiros tiveram necessariamente reflexos nas correntes que se foram instituindo. Dentre elas destacaram-se, pela sua importância, a *episcopaliana* de Vicente Gómez y Togar e de Angel Herreros de Mora em Lisboa, a *presbiteriana* de Robert Stewart e António de Matos¹⁵, também em Lisboa, a *metodista* (no Porto) de Robert Hawkey Moreton e Diogo Cassels (antecedida pela passagem de Brown)¹⁶, a *congregacional* («sui generis», como a classifica Eduardo Moreira)¹⁷ de

13 Pedro de Castro da Silveira (1867-1953) fixa-se em Portalegre por volta de 1895 e é governador civil da cidade durante o governo provisório da República, destacando-se pelos seus dotes humanísticos e de tolerância.

14 MOREIRA, E. Henriques: *Meio século de evangelização em Portugal e no Brasil - a história da vida do evangelista Sr. Henrique Maxwell Wright*, Porto: J.P. da Conceição, 1928., p. 18. Esta obra constitui talvez a mais importante biografia de H. Maxwell Wright, porque baseada no depoimento oral do biografado. Mas pode também consultar-se com utilidade, do mesmo autor, *Vidas convergentes*, pp. 353 e segs., ou ainda os depoimentos contidos em *In memoriam - três anos depois (1931-1934): Henrique Maxwell Wright*, uma edição comemorativa do Centro Missionário Nacional.

15 Um discípulo madeirense de R. Kalley. V. Ángel Herreros de Mora e Portugal em J.B. VILAR, *Intolerancia y libertad...*, op. cit., pp. 297-301 [cap. VI.2: «Ángel Herreros de Mora... destierro y actividades en Estados Unidos, Gran Bretaña y Portugal].

16 O reverendo J. G. Wheatcroft Brown, mesmo antes e depois de ser ordenado ministro, trabalhou para a Sociedade de Barcelona e durante vários meses desenvolveu importante acção no Porto, em Gaia e no Palhal. Depois de ordenado ministro foi colocado nas Baleares. Aquando da prisão de Diogo Cassels, escreve para Londres solicitando ajuda monetária para a abertura da capela em Gaia (v. Aspey, *ob. cit.*, p. 49).

17 A Sr^a Roughton separar-se-á da igreja episcopal inglesa e com isso virá a proporcionar o aparecimento, em Lisboa, dos «Irmãos» (v. MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes*, pp. 236/42). O termo «congregacional» identifica sobretudo «os cristãos que defendem a total independência da congregação local», e o verdadeiro líder deste movimento viria a ser Manuel dos Santos Carvalho, a que se seguiram José Augusto dos Santos e Silva, em 1916, e depois Eduardo Moreira, eleito em 15 de Fevereiro de 1940 superintendente da União das Igrejas Congregacionalistas portuguesas. Com graves dificuldades, decorrentes de redução de apoios económicos e perda de quadros (Eduardo Moreira sai em 1945 e passa para a Igreja Lusitana em 1947), será então ajudada pela Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, o que levará à fusão da maior parte das suas congregações com a Igreja Presbiteriana (V. CARDOSO, M.P.: *História do protestantismo em Portugal*, pp. 35-38).

Helena Roughton, e a *plymouthista* do Dr. Spencer e do engenheiro inglês George Mackrow¹⁸, ambas em Lisboa.

Mais tarde surgiriam ainda as Igrejas Baptistas. Também este movimento se iniciará no Porto, ainda por intermédio de um inglês, cunhado de Diogo Cassels, de nome Joseph Jones, durante largos anos ligado ao metodismo, tendo sido mesmo professor da Escola Dominical da Igreja Metodista do Mirante (Porto)¹⁹, as Assembleias de Deus e as Igrejas Pentecostais²⁰ ligadas à corrente pentecostal.

18 Tratava-se de uma corrente antisectária e antitradicionalista que advogava um grande simplismo de culto (V. MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes*, p. 238). Esta corrente está intimamente ligada, no seu aparecimento, a Helena Roughton. Com efeito, o movimento dos «Irmãos», ou «darbistas», surge pelos anos de 1870, quando chega a Portugal o engenheiro inglês George Mackrow e se relaciona com Helena Roughton em casa de quem participa em reuniões religiosas. Quando regressa ao seu país, a direcção do grupo fica entregue a outro inglês, Richard Holden, que organiza em Lisboa a primeira congregação de «Irmãos». Para Manuel Pedro Cardoso, que vimos seguindo, «foram os primeiros a manifestar um espírito de divisão no protestantismo português». Um dos nomes que mais se destacou neste movimento foi o de outro inglês, Charles Swan (1861-1934), ex-missionário em Angola e que em 1903 se fixou em Lisboa, tornando-se pastor de uma comunidade que se reunia na Travessa de Santa Catarina. Outro notável dirigente deste movimento foi o pastor português José Ilídio Freire, nascido por volta de 1895 e que durante décadas publicou *Leituras Cristãs*. (CARDOSO, M.P.: *História do protestantismo em Portugal*, pp. 33-34).

19 O uso do plural justifica-se porque não há uma Igreja nacional, uma vez que possuía um sistema de governo de tipo congregacionalista. A grande diferença em relação às outras confissões, assenta na tónica que colocam no baptismo, por imersão, e apenas feito na idade adulta. Em 1888, ainda ligado a esta Igreja, Joseph Jones fala a outros membros das suas convicções e estes pedem-lhe que os baptize por imersão. Embora não fosse ministro, Jones acede e baptiza por imersão cinco membros metodistas. Numa carta que escreve para Londres, relatando o acontecimento, Robert Moreton acentua a sua estranheza pelo facto de Joseph Jones nunca ter disseminado as suas ideias ao longo dos 16 anos em que dirigiu a classe para adultos do Bom Sucesso, e admite mesmo que ele tenha sido influenciado por um brasileiro, discípulo de Kalley, que então se encontrava no Porto. Em 1902 O casal britânico Reginald e Kate Young fixam-se no Porto, e três anos depois formam uma pequena congregação baptista. Com a retirada dos Young, a congregação passa a ser dirigida pelos portugueses Arlindo da Silva e Jerónimo Teixeira de Sousa, que a transformam na Primeira Igreja Baptista Portuguesa. Entretanto a Convenção Baptista Brasileira assume a orientação missionária da Igreja e envia para cá o luso-americano João Jorge de Oliveira, o qual, através de uma diversificada acção, cria novas congregações, arrastando para elas homens antes ligados a outras confissões. Satisfazendo uma velha aspiração, em 13 de Fevereiro de 1916 é finalmente inaugurado, no Porto, o Tabernáculo Baptista. O segundo grande fôlego virá com António Maurício, que em 1920 substitui João Oliveira no Tabernáculo. Apesar de algumas dissensões entre ambos, despontam novos centros de culto e em 1926 Maurício funda *O Semeador Baptista* (V. CARDOSO, M.P.: *op. cit.*, pp.38-40; ASPEY, A.: *op. cit.*, p. 344 e *A Luz e Verdade* de Abril de 1914 e de Março de 1916).

20 A corrente pentecostal, embora ajudada por missionários do norte da Europa, teve um português na génese do seu aparecimento. Leovigildo Pelágio Sales, que em 1913 era ainda membro da Igreja Congregacionalista de Braga e nessa qualidade contactou com Eduardo Moreira. Abandonou a carreira militar e foi para África como evangelista. Quando regressou, em Novembro de 1914, o seu discurso adquirira já novas cambiantes. Aos ataques à Igreja Romana juntava agora ataques aos congregacionalistas. Em 23 de Fevereiro de 1915 prega em Seia (centro do País) e tudo leva a crer que fosse então o primeiro pentecostalista português, influenciado por alguém que em África o tivesse induzido para esta corrente. Mas só por 1920 o pentecostalismo começa a fazer-se notar, apesar de energicamente combatido pelos protestantes de então (Sales tratava os outros protestantes como pessoas que urgia converter). O movimento aumentaria não só pela ajuda exterior como pela «evangelização agressiva» aliada a uma «liturgia viva e popular, que permite a manifestação de toda a assembleia, com expressão corporal, com gritos de júbilo, os seus 'serviços de curas', os seus testemunhos (pequenos

Mas eram os presbiterianos e os anglicanos quem dominava na colónia britânica, em 1881, como reconhecia o metodista Robert Moreton, pelo que a hipótese de evangelização, por parte dos metodistas, teria de incidir sobre os portugueses e não fracturando a comunidade estrangeira²¹.

Influências espanholas

Entretanto, a corrente episcopaliana ia lentamente ganhando raízes e a acção de Vicente Gómez y Togar, suspensa durante alguns anos, viria a ser retomada em força por Ángel Herreros de Mora. Retomando parte da comunidade entretanto acolhida por Helena Roughton e a que posteriormente se juntariam alguns padres egressos, Ángel Herreros de Mora funda em Lisboa, em 1867, a Igreja Evangélica Reformada Espanhola, que toma essa denominação porque tanto o seu ministro como muitos dos seus membros eram espanhóis. Em 1876 –morte de Herreros, 512 membros– Além disso, como igreja estrangeira podia ser reconhecida e tolerada no país. Funcionou durante muitos anos num armazém transformado em capela. A esta igreja irão aderir alguns ex-padres católicos portugueses que assim, depois de naturalizados, poderiam casar-se e desenvolver o seu ministério. Em 1880 integra-se na Igreja Lusitana que então se fundara, e toma a denominação de «Congregação de São Pedro».

O «Despertar» português

É no decurso da década de 70 que surgem as primeiras Igrejas instituídas, primeiro através da acção de missionários estrangeiros ligados a uma comunidade portuguesa que aumentava gradualmente, depois através já de protestantes portugueses, incluindo alguns ex-padres católicos, entretanto convertidos ao protestantismo. Assim acontece com a Igreja Presbiteriana que se organiza a partir de 1875, graças ao trabalho conjunto do escocês Stewart e do madeirense António de Matos.

Apesar dos esforços de muitos estrangeiros, notava-se, contudo, um crescente desejo de independência face à influência e eventual controle estrangeiros sobre a acção evangélica. O português de ascendência inglesa Diogo Cassels, a princípio perfeitamente ligado à Sociedade Wesleyana de Londres, vai autonomizar-se gradualmente. Embora reconhecendo o papel e o esforço de alguns obreiros estrangeiros, dos quais, de resto, será bastante amigo, não deixará de, aqui ou ali, insistir na necessidade premente de manter a autonomia.

discursos feitos por pessoas que contam como Deus as ajudou, como as curou ou como foram despertadas para a fé) e a existência de um ministério recrutado entre crentes entusiastas, de modesta preparação e origem social» (CARDOSO, M.P.: *História do protestantismo em Portugal*, pp. 41-43.

21 ASPEY, A.: *op. cit.*, pp. 284-285; VILAR, *op. cit.*, pp. 299-301.

De facto, as leis do país não permitiam aos súbditos estrangeiros propagandear as suas crenças ou imiscuírem-se no seio do tecido religioso nacional, profundamente arreigado no tradicionalismo católico. E aqueles que o faziam eram certamente os mais inconformados e corajosos. Nem sempre, porém, compreendendo plenamente a idiosincrasia de um povo que, como o português, só há bem pouco se libertara das anquilosantes amarras da Inquisição, sem lograr, contudo, erradicar hábitos e vícios de um comportamento secular. Eis o que parece justificar, em parte, as tendências de muitos dos portugueses que então acreditavam, com toda a convicção, na possibilidade de criar uma Igreja católica verdadeiramente nacional, o que significava o distanciamento de Roma e do papismo.

Diogo Cassels, português por temperamento (mas inglês nos hábitos sociais) foi um deles, e conhecia como poucos a «alma portuguesa», como o provam as acções e atitudes que tomou ao longo da vida.

Os anos 70 do século XIX foram anos de grande controvérsia religiosa. Na sequência dos amplos protestos contra a infalibilidade papal e o dogma da Imaculada Conceição, foram imensas as vozes que então se levantaram, num coro que não era apenas da imprensa ou dos intelectuais, mas que atingiu igualmente a Igreja e o próprio clero. O fenómeno dos padres egressos e da sua «transfusão» para as ideias reformadas foi algo de extremamente importante para o incremento do protestantismo no país. Se não podemos esquecer a importância dos contributos dos colportores, arrostando com perseguições e vexames, muito menos podemos ignorar o papel de pioneirismo e de coragem dados por testemunhos de ex-padres católicos que se notabilizaram nos primórdios da luta pela implantação das igrejas reformadas, todos eles saídos do grémio romano em 1870 ou nos anos imediatos. O precedente, é certo, fora já instituído com o casamento do ex-padre romano Porfírio de Carvalho e Melo, o primeiro a casar pelo rito anglicano numa cerimónia presidida pelo espanhol Vicente Gómez y Togar, em Lisboa, no ano de 1842. Togar vai ainda celebrar vários baptisms, entre os quais o do filho de um ex-diácono da Igreja Católica Romana²².

Em 8 de Dezembro de 1869 (dia do 5º aniversário do *Syllabus*) inauguram-se em Lisboa os cultos evangélicos do rito episcopal, numa modesta sala à Praça das Flores, em Lisboa²³. No ano seguinte estabelece-se a Igreja Evangélica Espanhola, a qual se transforma, em 1876, em Igreja Episcopal Reformada, incluindo já vários ex-clérigos que elegem Ángel Herreros de Mora como seu bispo, o qual, porém, morre antes da consagração. O ex-padre Henrique Ribeiro, que se naturalizara espanhol, vai pastorear aquela Igreja entre 1879 e 1880.

22 SILVA, A.M. Pinto da: «A Igreja Lusitana e o republicanismo (1880-1910) - convergências e expectativas do discurso ideológico», comunicação apresentada ao Congresso «A vida da República Portuguesa, 1890-1990», dactilografada, p. 4.

23 FIGUEIREDO, Santos: «O Jubileu da Igreja Evangelica Episcopal», in *A Luz e Verdade* de Agosto de 1920.

Outras igrejas virão, mais tarde, a criar-se em Lisboa, como noutros pontos do país²⁴, bem como Uniões Cristãs da Mocidade, movimento também importante para a evangelização da juventude. Segundo Trindade Coelho²⁵, em 1906 havia em Portugal e nas ilhas da Madeira e dos Açores 55 igrejas reformadas, 31 escolas evangélicas, 24 uniões cristãs da mocidade e 7 publicações da igreja reformada, o que mostra o crescimento e a vitalidade do movimento evangélico²⁶.

Mas a história dos pioneiros do protestantismo em Portugal permanece lacunar, sobretudo enquanto se não estudar o importante movimento das missões ultramarinas. De facto, já em 1877 começam a surgir missões reformadas em Angola e quatro anos depois estabelece-se em Moçambique a «Missão Romanda», precisamente o mesmo ano em que «morrera, na missão dinamarquesa da Índia, Alberto de Avelar, o último missionário reformado de origem portuguesa no Oriente, de que há registo»²⁷. Seria de extremo interesse este estudo, para se perceber o que foram as dificuldades e os extremos de dedicação desses verdadeiros apóstolos.

A abertura que gradualmente se foi instalando, deveu-se também, e em grande parte, ao papel esclarecido dos intelectuais mais avessos ao conservadorismo dos sectores católicos, nomeadamente contra a influência jesuítica que voltava, crescentemente, a fazer-se sentir no país. Além disso, o ultramontanismo assestava as suas baterias sobre tudo quanto lhe parecesse indícios de heresia, e o Concílio Vaticano I em nada fora favorável a qualquer abertura eclesiástica, bem pelo contrário. Os próprios intelectuais católicos não se mostravam dispostos a pactuar com directivas, orientações e práticas que colidissem com a liberdade de consciência, e a lógica da infalibilidade papal era para eles algo de intragável. As excomunhões vão ser, assim, uma das medidas privilegiadas para sancionar comportamentos religiosos «menos ortodoxos».

Os tempos eram difíceis e de grande controvérsia. O republicanismo e o socialismo encontravam agora o terreno propício para a sua expansão, tornando-se gradualmente mais agressivos na sua propaganda e contribuindo para uma agitação que punha em causa o regime, muitas vezes fortalecidos por um crescente anti-clericalismo, polarizador de descontentamentos e de contestação às instituições da monarquia. A Igreja Católica via no combate às inovações políticas e religiosas a melhor forma de manter o estatuto

24 Além das congregações da Igreja Episcopal Reformada existentes em 1878 havia ainda em Lisboa a Igreja Presbiteriana dirigida pelo rev. Manuel António Meneses, as Independentes do Cascão, em Lisboa, a de Portalegre, sob a responsabilidade de Manuel dos Santos Carvalho, e a Metodista de Robert Moreton, no Porto. Para os ingleses e alemães existiam em Lisboa a Episcopal, na Estrela, a das Necessidades (Luterana), a Presbiteriana, de R. Stewart, nos Marianos, e no Porto, no Campo Pequeno, a Igreja de St. James (cf. *A Reforma* de 5 de Outubro de 1882).

25 *Manual político do cidadão português*, p. 397-399.

26 Para uma melhor percepção deste crescimento, ver PEIXOTO, F.: *Diogo Cassels, uma vida em duas margens* (dissertação de mestrado apresentado à F.L.U.P., 2 vols., Porto, 1995), 2.º vol., apêndices: «Lugares de culto em 1900 e 1908» e «Organizações evangélicas em 1900 e 1908».

27 MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes*, p. 368.

ameaçado com o advento do liberalismo, agora que se reforçava o regresso dos contingentes do clero regular, com a entrada, a partir de meados do século, dos Jesuítas, Franciscanos, Espiritanos, Beneditinos, Irmãos de São João, Irmãzinhas dos Pobres, Salesianos, Lazaristas, etc.

É evidente que a questão do mapa-cor-de-rosa (e o posterior Ultimatum)²⁸ veio ajudar a campanha anti-reforma, uma vez que era muito forte a conotação religiosa entre reformadores e a velha Albion, e o nacionalismo serviu durante algum tempo de excelente arma de arremesso dos ultramontanos católicos contra os reformadores, mesmo quando estes se colocavam claramente ao lado de Portugal. E, sempre que se oferecia uma oportunidade de castigar os «hereges», aí estavam as condenações, as agressões, as próprias deserções de alguns membros da comunhão protestante, ao mesmo tempo que proliferavam os boicotes aos comerciantes britânicos, os ataques na imprensa, os apelos de clérigos para a expulsão de todos os ministros protestantes, acusados de serem agentes britânicos.

O caso exemplar da família Cassels

A numerosa família Cassels (John e Ethelinda tiveram 12 filhos), espalhou-se por várias zonas do globo, de Portugal a Inglaterra, à Suíça, à Argentina, à Índia, à China. William Wharton foi bispo na China, John, enveredando pela carreira eclesiástica, tornou-se ministro da Igreja Anglicana, mais tarde vigário de St. Thomas, Batley, e durante várias décadas capelão na Índia. Vinha ao Porto sempre que podia e encontrámo-lo em 1875, pregando em inglês na sala da Rua da Fábrica, no Porto, para a comunidade metodista²⁹. Foi ele, de resto, o responsável pela criação da Portuguese Reformation Society, organização que apoiava financeiramente (com 30 libras anuais) o movimento metodista no Porto, a que o irmão Diogo estava ligado³⁰.

Herbert emigrou para a América do Sul. Regressando ao Porto, envolve-se no comércio, mas também na actividade mecenática pró-evangélica. Walter e Francis seguiram o caminho da Argentina.

28 Em resposta aos apetites duma Europa que tentava expandir o seu domínio para África, nas décadas de 70 e 80 do séc. XIX, Portugal enviou diversas expedições ligando a costa atlântica (Angola) à contracosta (Moçambique) visando a criação de uma região que atravessasse transversalmente todo o continente, uma *África Meridional Portuguesa* (Mapa Cor-de Rosa), pondo assim em causa os desígnios expansionistas ingleses. A Inglaterra, invocando a ocorrência de incidentes com povos sob a sua protecção, enviou em 1890 ao governo português um Ultimatum que na prática impunha a Portugal que se confinasse aos territórios de Angola e Moçambique, posição que o Governo acabou por aceitar e que foi tão mal «digerida» pela opinião pública que logo no ano seguinte, em 31 de janeiro de 1891, rebentou no Porto uma revolta pretendendo a queda da monarquia e a implantação da República. Mas a revolução fracassou e só em 1910 os republicanos lograriam os seus intentos.

29 V. ASPEY, A.: *Op. cit.*, p. 165.

30 Idem, *Ibidem*, p. 126.

Com exceção de Diogo e de André que permaneceram sempre no Porto, os restantes filhos de John e Ethelinda ficaram entregues ao cuidado da avó Cox e de uma tia solteira, em Inglaterra. Mas também as irmãs manterão sempre uma ligação estreita às actividades evangélicas.

Diogo Cassels: uma vocação missionária

James Cassels era o seu verdadeiro nome, tendo adoptado o de Diogo em tudo o que dissesse respeito a Portugal e aos Portugueses. Natural do Porto, onde nasceu em 3 de Novembro de 1844, Diogo Cassels foi o primeiro dos treze filhos do casal de cidadãos britânicos John Cassels e Ethelinda Cox, tendo sido baptizado na capela britânica de St. James, no Porto, em 4 de Dezembro seguinte.

Diogo Cassels estuda durante alguns anos em Inglaterra, mas aos 14 anos regressa ao seu país de origem para colaborar com o pai numa fábrica que este possuía em Vila Nova de Gaia, cidade fronteira ao Porto. Mais tarde liga-se ao comércio, que acaba por abandonar em 1899, para se dedicar por inteiro às tarefas de evangelização.

O começo da sua obra evangélica acontece por volta de 1866, quando Manuel Vieira de Sousa (saído da prisão) e Manuel Francisco da Silva, colportores da Sociedade Bíblica, visitam pela primeira vez a cidade do Porto e fixam residência em Gaia, difundindo a Bíblia, mesmo entre clérigos. Este teria sido o principal «rastilho» para a difusão do movimento evangélico no Norte, através de Diogo Cassels, que inicia, em sua casa, reuniões com trabalhadores para leitura das Escrituras. Dois anos depois, Cassels traduz para português os *Regulamentos da Sociedade dos Metodistas*, e inicia a Escola Dominical. Logo em Abril de 1868, inicia as obras da que seria a primeira capela portuguesa de rito não católico: a capela do Torne, em Gaia. Conhece Elizabeth Jones, com quem casa em 24 de Abril de 1867, mulher que vai ser, durante muitos anos, a grande ajuda de que carecia para as suas obras de evangelização, educação e beneficência.

Em 27 de Junho de 1868, Diogo Cassels é preso e acusado de injúrias à religião católica. Condenado a seis anos de deportação, recorre e acaba por ser absolvido no ano seguinte. Na capela do Torne, entretanto inaugurada, criara já uma escola elementar, a que viria a juntar, mais tarde, o ensino secundário. Liga-se a alguns britânicos residentes no Porto e com eles inicia aulas bíblicas, logo depois alargadas a portugueses de condição humilde. Inicia assim a sua ligação ao metodismo, de que é o verdadeiro fundador em Portugal, e que conhecerá novo alento com a chegada ao Porto, em 1871, do reverendo Robert H. Moreton. E em 12 de Fevereiro do ano seguinte aparece já a primeira escola da Obra Evangélica Metodista Portuguesa.

As desinteligências entre Moreton e Cassels levarão a que este se desvincule do metodismo e se torne (em Junho de 1880) fundador da Igreja Evangélica Lusitana. Além das escolas da Igreja Metodista do Mirante (no Porto) e da Escola do Torne (em Gaia), devem-se ainda a Diogo Cassels o aparecimento da Igreja do Redentor (no Porto) (18) e

da Igreja e Escola do Prado, em Gaia, ambas construídas, em grande parte, a expensas suas. Em 1884, Diogo Cassels é ordenado diácono, em cerimónia que decorre na capela evangélica de Gaia e presbítero oito anos mais tarde.

A par da sua actividade religiosa, continua a estudar, sendo aprovado no ano seguinte no exame do Magistério, na Escola Normal do Porto. Seis anos depois (1891) obtém o diploma de professor de instrução secundária, o que lhe permite agora uma maior actividade como docente na sua própria escola. Aliás já então eram notórias, ao nível pedagógico, as diferenças entre as suas escolas e as escolas públicas. Os seus alunos cotavam-se sempre entre os mais classificados nos exames públicos. Em 1906 publica-se *A Reforma em Portugal* de Diogo Cassels. Outra versão, mais reduzida, havia sido já publicada em 1897 e 1898, na *Egreja Lusitana*, jornal que fundou e manteve entre 1892 e 1923.

O reconhecimento pela sua obra foi finalmente surgindo: primeiro através da concessão do seu nome a uma rua de Gaia, e em 15 de Novembro de 1915 é a própria República que publica no *Diário do Governo* um louvor a Diogo Cassels, pelas suas actividades de benemérito, condecorando-o, em 1922, com a Comenda da Ordem de Cristo. Morre em 7 de Novembro de 1923, com 79 anos.

Se um homem se avalia pelas suas acções, igualmente se ajuíza por aquilo que afirma, pelo que escreve, e Diogo deixou bem clara, nos seus textos, uma constante apologia da tolerância e do ecumenismo. Sendo um anti-romano, sustentou sempre a sua vocação de velho-católico, erguendo no seio da própria Igreja Lusitana uma barricada contra o protestantismo. Ele não era protestante, como o eram os seus correligionários, e isso valeu-lhe frequentemente incompreensões, polémicas, conflitos, dissensões e mesmo grandes desgostos.

André Cassels: um irmão solidário na obra e na fé

Pela proximidade física que manteve com o irmão e pelo facto de também ele pertencer à Igreja Lusitana, Andrew Boys Cassels³¹ foi sem dúvida aquele cuja cooperação com Diogo mais se fez sentir, ora trocando púlpitos entre ambos, ora fundando missões na província, onde ambos iam regularmente. Em 1886 era o tesoureiro da Junta Paroquial do Redentor e já então sustentava a escola do Candal, inaugurada em Fevereiro de 1884³². Nascido em 1849, foi industrial³³ e nessa qualidade teve de solicitar uma autorização especial para poder ser ministro da Igreja Lusitana, à qual aderiu em 1890 e que serviu durante 41 anos. Para Moreton, essa adesão deveu-se mais a influências de

31 Tal como para seu irmão, optámos também por aporuguesar o seu nome.

32 *A Reforma* de 21 de Agosto de 1886.

33 Em *A Reforma* de 21 de Agosto de 1886 lê-se que era comerciante, estabelecido na Rua do Infante D. Henrique, nº 35. Ora, como também Diogo Cassels tinha aqui o seu escritório, é provável que fosse André o sócio da empresa John Cassels & C^a.

família que às suas próprias convicções. Aspey escreveu que «antes de começar a pregar o Evangelho pensava que não tinha jeito para o fazer, mas um dia sua esposa empurrou-o, e desde então não deixou mais de o fazer»³⁴. Deve ter sido mesmo determinante a influência da esposa, a avaliar pela forma como todos os filhos –e foram muitos– se dedicaram também às actividades evangélicas. Foi industrial, missionário, pastor, educador, etc.

A música constituía o grande prazer da família, cultivando-a nas mais diversas oportunidades, desde os saraus de amigos ou da União Cristã da Mocidade, às cerimónias religiosas³⁵. Além da actividade musical, André dedicou-se ainda à ficção, escrevendo duas novelas de edificação religiosa, *Cristina e o Inquisidor* (Lisboa, Livraria Evangélica, 1926) e *Padre Antonio*, (Lisboa, Livraria Evangélica, 1929; embora publicada nesta data, a sua redacção é talvez anterior a 1923, dado que nela se aponta como exemplo a obra que Diogo vinha desenvolvendo em Gaia), nas quais, através de uma linguagem bastante simples, fala das virtualidades da prática evangélica, por oposição à prática do romanismo. Organizou ainda a colectânea *Lest we forget - popular readings for parish and home*, vol. I (Vila Nova de Gaia, Biblioteca «Bom Pastor», 1921). Não sabemos se chegou a ser publicado o 2º volume.

A cuidada educação ministrada aos filhos conduziu a que também estes se dedicassem às actividades evangélicas, com destaque para a colaboração musical que prestavam aos cultos e no empenho com que participavam na União Cristã da Mocidade Feminina. Curioso era ainda o facto do Serviço Divino ser cantado, o que constituía uma importantíssima inovação para os hábitos religiosos da população local. Todas as filhas de André participavam das Uniões Cristãs e May (abreviatura de Mary Alisa Philippa, a primogénita), além de ser a presidente da União Cristã Feminina do Candal e colaboradora da *Luz e Verdade*, foi ainda nomeada membro do Comité Internacional das UCM Femininas, em Londres³⁶. Que saibamos, nenhum dos filhos dos irmãos Cassels casou com portugueses, o que pode indiciar uma certa dificuldade no relacionamento mais íntimo com os nacionais.

Tendo residido sempre em Gaia, primeiro em Lavadores (ainda lá residia em 1911) e depois no Candal, aqui fundou André Cassels uma escola, a que mais tarde juntou um templo, construído por sua conta. André era o responsável pela instrução religiosa, inclusivé recorrendo a edições do Evangelho para as crianças, numa adaptação «ingénua» do sistema usado nos jardins de infância britânicos, refere Pulvertaft, todavia sublinhando a grande qualidade pedagógica, patente nos múltiplos alunos premiados³⁷.

34 ASPEY, A.: *op. cit.*, p. 366, n. 1.

35 *Ibidem*.

36 *Bom Pastor*, de Março e Setembro de 1902.

37 PULVERTAFT, T.J.: *Report of a visitation tour*, s/l, s/a, [Impresso em Dublin, por Charles W. Gibbs], 1897, p. 24.

O templo do Bom Pastor teve início na escola, constituindo-se em missão, anexa ao edifício, no ano de 1885. Foi inaugurado em 6 de Janeiro de 1888, tendo assistido à cerimónia mais de meio milhar de pessoas. Em 1889 é formalmente organizada a Congregação do Bom Pastor, que elege uma Junta Paroquial e representantes ao Sínodo da Igreja Lusitana, desta forma se agregando oficialmente àquela Igreja.³⁸

É ordenado diácono em 1891, em Dublin, e no dia 13 de Junho de 1895 recebe ordens de presbítero, conferidas na capela do Bom Pastor, pelo bispo espanhol D. Juan Cabrera, acompanhado pelo cónego Pope, por Diogo Cassels e por Augusto Torres³⁹.

Foi ainda o criador da «Bibliotheca Antonio Maria Candal», espécie de editora que administrava e cujo objectivo consistia em editar obras de divulgação protestante, de distribuição gratuita, sobretudo em Viana. De facto, alguns dos mais importantes textos doutrinários e polémicos desta época, foram ali publicados entre 1908 e 1917, em quatro séries de opúsculos de grande divulgação pelo país⁴⁰. Além destas publicações, André alimentou ainda a saída irregular de um boletim da Congregação intitulado *O Bom Pastor*, publicado entre Agosto de 1901 e Dezembro de 1916. Para termos uma ideia da difusão destas publicações, bastará dizer que entre 1910 e 1913 foram distribuídos 50.000 exemplares do *Bom Pastor* e 54.000 da «Biblioteca Candal»⁴¹.

André tinha óptimas relações no meio evangélico, motivo pelo qual passaram pela sua congregação as mais eminentes personalidades do tempo, desde os mais conhecidos pregadores do movimento protestante português a destacados reverendos e bispos estrangeiros. Tal como o irmão Herbert, André era também homem de trato fino, amável, cortês e especialmente vocacionado para as artes, carácter que lhe granjeou um grande prestígio e muitos amigos.

Haveria, naturalmente, traços comuns entre os três irmãos, com destaque para a fidelidade aos princípios cristãos com que foram educados. Qualquer deles, em ramos e actividades diferenciadas, foram igualmente empreendedores e dinâmicos, mas Diogo foi, dentre eles, sem dúvida, o mais impetuoso e irascível e, pelo seu carácter, provavelmente o mais genuinamente latino desta família luso-britânica.

38 Nos «Estatutos da corporação cultural da Igreja Lusitana do Bom Pastor», publicados no *Bom Pastor* de Janeiro/Fevereiro de 1913, lê-se: «A Igreja Lusitana do Bom Pastor, estabelecida ha trinta e cinco annos...». A ser assim, a data do aparecimento dos cultos evangélicos organizados em congregação, remontaria a 1878. Pensamos que se trata de um erro de contas, uma vez que a escola surgiu apenas em 1884 e dois anos depois ainda André Cassels estava organizado na Junta Paroquial do Redentor.

39 *Egreja Lusitana* de Julho de 1895.

40 V. *Almanach para 1909*, p. 60.

41 *O Bom Pastor* de Novembro de 1913 / Fevereiro de 1914.

Começos do metodismo no Porto

Durante vários anos Diogo Cassels vai manter estreitos contactos com a Sociedade Wesleyana de Londres, tentando criar no Porto uma comunidade metodista. Para isso solicitava que lhe enviassem um ministro para assistir às comunidades de Gaia e do Palhal. Mas só muito tarde lhe é satisfeita a pretensão.

As relações entre a Inglaterra e Portugal não aconselhavam atitudes que pudessem comprometer uma diplomacia que se pretendia manter alheia a conflitos religiosos e que privilegiava, isso sim, as relações económicas e políticas. A Aliança anglo-lusa era já secular e mostrara-se bem útil em várias ocasiões. Ainda na transição do século, Portugal usufruira do apoio britânico no conflito napoleónico, embora – é bom que se diga – tivesse sido a Inglaterra o maior beneficiário. E continuava a ser a Inglaterra o principal parceiro comercial dos portugueses. Ora, os casos protagonizados, nomeadamente, por Kalley e Cassels, tinham constituído já experiências conflituosas cuja repetição urgia evitar. Além disso, a comunidade britânica em Portugal era bastante significativa, garantindo a manutenção dos laços económicos entre Portugal e a Inglaterra, e não lhes era vedada a possibilidade de cultuarem, desde que não se imiscuissem no terreno religioso dos portugueses.

Pelo contrário, o relacionamento com Espanha nunca fora tão pacífico, e mesmo nesta altura mantinham-se tensões que vinham já de longe. Não era apenas o caso de Gibraltar («tampão» que permitia à Inglaterra o controlo das frotas comerciais que entravam ou saíam no Mediterrâneo), que perturbava as relações entre ambos os países. A queda de Isabel II de Espanha, em 1868, lançara o país numa situação que estava ainda longe de se estabilizar e definir. Os «apetites» sucessórios eram apenas uma parte de um todo mais vasto, que passava pela redefinição dos impérios coloniais, tabuleiro em que vários parceiros europeus apostavam fortemente. Estávamos em 1869, um ano após a revolução de extracção burguesa que procurava implantar um regime mais aberto, privilegiando o sufrágio universal e a importância do parlamentarismo no processo político, bem como a instauração da liberdade de cultos. A Igreja Católica, que na última década do reinado de Isabel II lograra atenuar as dificuldades surgidas durante a primeira parte do reinado, encontra-se novamente sob uma dupla ameaça, material e espiritual, quebrando-se de novo as relações com o Vaticano e, conseqüentemente, despontando novas tensões entre a Igreja e o Estado⁴². A deterioração das relações com o Vaticano criava o clima ideal para a penetração da propaganda protestante. Assim se compreende o maior investimento inglês na Espanha, como demonstra a sua acção, já nas primeiras décadas deste século XIX, sobretudo em Gibraltar.

A Capela Metodista do Torne foi inaugurada em 18 de Outubro de 1868 e a cerimónia foi presidida precisamente pelo reverendo metodista Richmond, durante uma visita que

42 V. ARTOLA, M.: *La burguesía revolucionaria (1808-1869)* - vol. 5 da *Historia de España Alfaguara*, Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1973. pp. 381-383.

então fez ao Porto⁴³. Richmond prega no Torne, administra a comunhão e procede ao que foi o primeiro baptismo evangélico ali realizado, o da primogénita de Diogo, Ethelinda Jessie. A cerimónia, realizada em inglês, e a que assistiram muitos membros da comunidade britânica, decorreu com inteira normalidade. Os cultos em português, suspensos desde a prisão de Diogo, só foram retomados com a vinda de António de Matos ao Torne, que aí prega em Março de 1870⁴⁴, pois até então a pregação do Evangelho fora sempre feita em inglês, para evitar reacções do romanismo local, tendo sido igualmente suspensas as aulas bíblicas, em Novembro de 1868⁴⁵.

A comunidade estrangeira era o grande sustentáculo da obra metodista, e mesmo indivíduos de outras confissões, como os luteranos, assistiam regularmente aos cultos, às reuniões de classe⁴⁶, ajudavam as escolas e contribuía nas colectas. São os casos, entre outros, de Dankert Krohn, norueguês ligado ao negócio do vinho do Porto que, sendo luterano, acaba integrado no circuito metodista do Porto⁴⁷; as senhoras Delaforce, que não são metodistas, mas que generosamente colaboram com Moreton; Miss Hulsenbos, filha do cônsul da Holanda no Porto, que custeia o salário de um professor da Escola do Mirante e funda na cidade a Sociedade Protectora dos Animais⁴⁸; ou Joseph Jones, que começa por colaborar no Bom Sucesso com os metodistas e aí acabará por desencadear a animosidade de Moreton quando envereda pela confissão baptista. Será, de resto, no Bom Sucesso (Porto), que alguns enveredarão pelo metodismo a partir das reuniões de classe promovidas por Frederica Smith na sua residência.

Outros irão ainda destacar-se pelo pioneirismo da sua acção na propaganda do metodismo, como Thomas Chegwin, engenheiro natural da Cornualha e metodista desde a infância; George Searle, que se tornou metodista por volta de 1874 e colaborou com Diogo Cassels na capela do Torne, e a quem fica a dever-se a consolidação do *Sailor's Rest*, uma obra de acolhimento e apoio aos marinheiros estrangeiros estacionados no rio Douro, que ali se reuniam aos Domingos para os cultos, para a leitura, a música e o recreio, visando deste modo afastá-los «das tabernas e das ruas»⁴⁹. Mas até os ingleses de passagem pelo Porto, nomeadamente os marinheiros, não deixavam de participar nos cultos que então se realizavam na cidade.

Antes da abertura da capela do Torne, o culto reformado realizava-se exclusivamente na Capela de St. James, no Porto, era restrito à comunidade estrangeira e era dirigido pelo capelão do Consulado Britânico. Mas nem toda a comunidade estrangeira, incluindo a

43 MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes*, p. 326.

44 MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes*, p. 327.

45 CASSELS, D.: *A Reforma em Portugal*, Porto: Typographia a vapor de José da Silva Mendonça, 1906, pp. 123-124.

46 A organização inicial dos metodistas compunha-se de «classes», constituídas por pequenos grupos, e duas ou mais dessas classes constituíam uma «sociedade» (cf. ASPEY, A.: *op. cit.*, p. 19, n.1).

47 *Ibidem*, pp. 355, 421.

48 *Ibidem*, pp. 200, 201 n. 1, 298-299; v. também *A Reforma* de 6 de Maio de 1878.

49 ASPEY, A.: *op. cit.*, p. 259; v. ainda *Almanach para 1909*, pp. 91-92.

britânica (em 1864 esta comunidade estava em crescimento e contava então com cerca de 350 protestantes)⁵⁰, seria anglicana, e alguns dos residentes ansiavam mesmo pela vinda de um missionário wesleyano que pudesse iniciar a sua acção entre os ingleses e, posteriormente, a estendesse aos nacionais. Porém, na ausência de cultos metodistas, alguns britânicos mantinham contactos entre si e a Sociedade Wesleyana, prontificando-se mesmo a cotizarem-se no sentido de suportarem o custo da manutenção de um ministro. Era o caso, por exemplo, do casal inglês Ayres, que mantinha reuniões semanais de classe na sua residência⁵¹.

Cassels e Moreton: o reforço do metodismo

Os insistentes pedidos de Diogo Cassels acabaram por surtir efeito e em 16 de Fevereiro de 1871 desembarca no Porto um jovem de 27 anos, chamado Robert Hawkey Moreton. Nascido em Buenos Aires, Moreton dominava o espanhol e portanto estava em razoáveis condições para entender o português. As relações que vão estabelecer-se entre ambos serão pautadas pela cooperação fraternal em torno do mesmo projecto: a criação de uma Igreja Metodista. A capela de Gaia podia, a partir de agora, contar regularmente com um ministro investido dos necessários poderes para conferir os sacramentos. Moreton ia frequentemente à capela de Gaia, ora às pregações da Quinta-Feira à noite, ora para celebrar o culto dominical. Ao mesmo tempo, o empenho de Diogo era igualmente reconhecido por Moreton. A unidade na acção dos dois homens era tal que nos próprios relatórios enviados para Londres, apareciam conjuntamente os números de membros e dos alunos das escolas das duas margens do rio Douro. Por volta de Agosto de 1871, portanto meio ano após a chegada de Moreton, este informava Londres que o número de membros rondava já os 43, e mais 16 que ainda estavam «à prova»⁵². Pelo fim do ano estes números subiriam respectivamente para 50 e 21 e nos anos seguintes a subida é ainda mais significativa⁵³:

Tabla 1

	1872	1874	1876	1878	1880	1882	1890
Nº de Membros	78	89	90	100	65	53	58
Nº de Membros à prova	9	7	15	8	10	4	4
Alunos das Escolas Dominicais	80	100	150	135	35	35	288
Alunos das Escolas Diárias	50	157	159	104	51	79	263
Assistência a cultos e reuniões	200	230	420	400	200	250	350

50 DELAFORCE, J.: *Anglican abroad - the history of the chaplaincy and church of St. James at Oporto*, Londres: SPCK Holy Trinity Church, 1982., p. 67.

51 O engenheiro John Ayres, que colaborou frequentemente com Diogo Cassels, é abundantemente citado na obra de Aspey, e sobre ele poderão ver-se, entre outras, as pp. 60, 61, 259, 367, etc.

52 V. ASPEY, A.: *Op. cit.*, p. 113.

53 Fonte: ASPEY, A.: *op. cit.*, passim.

Até 1878, inclusive, os números incluem a Congregação do Torne, englobada no circuito metodista. Mas os números respeitantes a 1880 reportam-se ao fim do ano, portanto meses depois da cisão com a Congregação do Torne (à data da separação, o Torne tinha 36 membros, 7 à prova, 2 classes e 130 pessoas na assistência da Escola Dominical)⁵⁴ e, embora dez anos depois tenha aumentado a assistência e o número de alunos, o certo é que a recuperação para o número de membros que existiam anteriormente à cisão, só se verificará a partir de 1892. Todavia o crescimento metodista vai acentuar-se nos derradeiros anos do século XIX:

Tabla 2

	1894	1896	1898	1899*
Nº de Membros	78	83	85	90
Nº de Membros à prova	9	2	4	15
Alunos das Escolas Dominicais	80	80	95	150
Alunos das Escolas Diárias	50	160	88	159
Assistência a cultos e reuniões	200	250	?	420

Também na Grã Brethanha a Igreja Metodista era minoritária. Os números que conhecemos para 1877⁵⁵, mostram que na Inglaterra, Escócia e País de Gales o total de membros não chegava aos 100.000:

Tabla 3

	1877
Nº de Membros	10.000
Nº de Membros à prova	28.000
Alunos das Escolas Dominicais	25.000
Instrutores (ensinando gratuitamente)	2.500
Candidatos a pregadores	187
Total de membros	65.687

O primeiro baptismo da novel Igreja Metodista ocorre precisamente na capela do Torne, em 18 de Janeiro de 1874. Em 30 de Junho de 1874 é finalmente feita a escritura da compra do terreno para a edificação da futura capela do Mirante, que virá a ser edificada em 1876 e inaugurada em 25 de Março de 1877. Moreton é o procurador e acompanham-no as assinaturas de Manuel dos Santos Carvalho, João de Almeida e

54 *Ibidem*, p. 261.

55 Cf. *A Reforma* de 6 de Setembro de 1877.

Sousa, Clemente Gonçalves, John Ayres, Manuel Pereira da Silva, George Searle, Diogo Cassels e sua cunhada Caroline Jones⁵⁶.

Entretanto crescia o trabalho das escolas, tanto no Porto como em Gaia. Mesmo com dificuldades, os metodistas não abdicavam das suas escolas, conscientes que assentava nelas grande parte do poder da evangelização. E o certo é que o ensino acabará por progredir, tornando-se uma preocupação de todas as confissões protestantes. A legislação que entretanto se foi produzindo, contribuiu também para facilitar as coisas. E a partir de 1881, os alunos das escolas evangélicas que se candidatavam ao liceu já não tinham de se submeter, como anteriormente, ao exame de religião. Simultaneamente saía também a lei que tornava obrigatório o ensino primário, potenciando mais inscrições. O crescimento será de tal ordem que em 1900 haveria em todo o país, pelo menos, 25 escolas pertencentes a confissões evangélicas, subindo para 31 em 1908, espalhadas pelo Continente, Madeira e Açores⁵⁷. Mas parece que, mesmo assim, as escolas não evangélicas seriam bem mais atractivas. A que se deveria então, o aumento do número de alunos que veio a verificar-se nas escolas protestantes? Na opinião de Aspey, a preferência devia-se à qualidade do ensino, com reflexo nos êxitos obtidos nos exames finais do ensino primário:

«As escolas ofereciam poucos atractivos naturais, e nada em comparação com as escolas paroquiais, onde eram oferecidos, dos fundos públicos, bastantes livros e roupas para os necessitados, ou das escolas jesuítas, (...) onde distribuíam muitos géneros alimentícios e até aconselhavam a não mandar as crianças às escolas protestantes»⁵⁸.

É óbvio que se promoviam mecanismos de aliciamento entre os alunos, para os atraír ao estudo bíblico. Assim, davam-se prémios aos alunos das escolas diárias mais assíduos às aulas das escolas dominicais. Aí,

«os alunos eram encorajados a decorar o primeiro catecismo e os «cem textos», o que era muito útil por levá-los a usar a Bíblia e assim obrigava-os a familiarizarem-se com as Escrituras, por terem de procurar os textos que constituíam um corpo valioso de ensino prático e polémico⁵⁹.»

Na primeira carta que dirige à Sociedade Wesleyana, em 21 de Maio de 1868, Diogo Cassels refere as dificuldades de alguns membros da congregação em assistirem às reuniões de classe nas Sextas-Feiras à tarde porque, sendo operários, estavam impedidos de o fazerem, quer pelas longas horas de trabalho a que estavam sujeitos, quer pela

56 ASPEY, A.: *op. cit.*, pp. 146-147.

57 Cf. *Almanach das famílias cristãs protestantes para 1901 e Almanach para 1909*.

58 ASPEY, A.: *op. cit.*, p. 341.

59 *Ibidem*, p. 334.

grande distância a que residiam. Ora, seria precisamente este o grande dilema da evangelização de Diogo Cassels. Ele estava ciente da necessidade de implantar a sua mensagem no seio dos trabalhadores católicos, e por isso os operários constituíam o seu tecido social de eleição. De resto, entre os mais destacados aderentes portugueses desta primeira fase, alguns serão operários ou gente humilde. É o caso, por exemplo, de Manuel dos Santos Carvalho (1821-1916) que foi jardineiro, caldeireiro, moldador de ferro e fundidor antes de se tornar no destacado colportor da American Tract Society, pregador leigo e mais tarde dirigente na classe do Bom Sucesso. Ou António Fiandor, futuro bispo da Igreja Lusitana, oriundo de uma família modesta e que começou a sua actividade profissional como aprendiz de santeiro.

Moreton vai sentir alguma dificuldade em adaptar-se a um certo comportamento rústico dos portugueses no interior da Igreja, o que é compreensível, uma vez que estava há bem pouco tempo entre nós. Ao mesmo tempo, a sua visão é um tanto redutora, e a forma como «vê» o povo português, sobretudo o rural, é em muito semelhante à do britânico em viagem, confundindo aquilo que são diferenças com atrasos civilizacionais.

Naturalmente que também Diogo fora educado em meio social bem diferente. Mas de há muito se habituara ao ambiente da sua terra permitindo-lhe um melhor conhecimento das gentes e da forma de as converter. Uma importante vitória teria sido, por exemplo, a que narra em carta datada de 1879, sobre vários sapateiros que logrou convencer a que trabalhassem ao Sábado até à meia-noite, podendo assim reservar o Domingo para o descanso e para o culto, ou ainda a daquele merceiro, candidato a membro da Igreja, que decidira fechar a sua loja aos Domingos⁶⁰.

Pedreiros, tamanqueiros, tanoeiros, mineiros, caldeireiros, artesãos, operários indiferenciados das fábricas e dos armazéns de vinhos, constituíam a mais larga fatia dos estratos evangelizados por Cassels. E, embora a assistência do Mirante parecesse ser um pouco diferente, até porque incluía vários membros ligados ao comércio, a maioria deles era ainda bastante pobre, o que frequentemente impelia Moreton a pedir ajudas aos «amigos ingleses»⁶¹. Havia, pois, que criar mecanismos de solidariedade em ordem a minorar as carências e a educar nos princípios evangélicos um povo que só agora tinha acesso a uma pregação diferente daquela que sempre lhe fora inculcada.

A actividade protestante constituiu sempre uma incómoda barreira para o clero mais intolerante. Daí que o ultramontanismo não poupasse esforços para denegrir as suas acções. A própria imprensa, por vezes, levantava dificuldades à divulgação de notícias dessas actividades. Mas será o clero católico a assumir a maioria dos combates. Os próprios bispos do Porto vão constituir sérios obstáculos à propagação do protestantismo. Tais procedimentos, contudo, não eram de admirar, porquanto os tempos eram de grande intolerância e propensos aos maiores exageros. Os sacerdotes, pelo seu lado, não se eximirão, também, a contribuir com a sua quota-parte para o acervo de intolerância e de

60 *Ibidem*, p. 221.

61 *Ibidem*, p. 343.

perseguições. É ainda Cassels que nos conta alguns episódios, como o daquele pároco de Gaia que, visitando os paroquianos que assistiam aos cultos protestantes, ameaçava denunciá-los publicamente e não os enterrar no cemitério, «mas como cães num fosso». É evidente que os ataques não vinham apenas de um dos lados. Católicos e protestantes «mimoseavam-se» através das publicações que emitiam e por vezes a linguagem esquecia o recorte literário para cair mesmo no dichote soez.

Neste contexto, agravado pelo crescimento da influência jesuíta que começava a estender-se um pouco por todo o país, era perfeitamente natural que os evangélicos criassem laços de solidariedade entre si, mesmo quando de diferentes confissões. Foi o que sem dúvida compreendeu e fez Diogo Cassels. E aqui dever-se-á reconhecer o pioneirismo da sua acção. Cassels aproveitava todas as oportunidades para trazer a Gaia as figuras mais proeminentes, mesmo quando não pertenciam estritamente ao metodismo. Isto merecia, por vezes, críticas contundentes. Aliás, não pode em boa verdade afirmar-se que existia uma completa união entre os evangélicos. E isso poderá em certa medida explicar algumas dificuldades na penetração mais profunda no tecido religioso católico. Havia divisionismos e questiúnculas decorrentes por vezes de algumas intolerâncias, o que acabava em prejuízo do próprio desenvolvimento do proselitismo.

Conflito e separação

A diversidade de temperamentos entre Cassels e Moreton, bem como pontos de vista diferentes sobre a estratégia de evangelização, ou ainda o facto de terem percorrido antes experiências religiosas e sociais distintas, predestinavam uma incompatibilização que não tardaria a ocorrer. A influência católica sobre o país era algo a que Diogo Cassels não podia eximir-se. Era toda uma cultura e um modo de ser que, apesar da ascendência britânica, Diogo transportava desde a infância. E isto pesaria em todo o futuro religioso deste homem que, desejando embora renovar e «purificar» a fé, não enjeitava a tradição ancestral dum religiosidade marcada pelo cristianismo primitivo. Se o «radicalismo» emergente de Trento não lhe agradava e muito menos o «fundamentalismo» do Vaticano I, também o protestantismo, no seu cortejo de propaganda radical anti-católica, não constituía para ele uma motivação particular. Dir-se-ia, então, que Diogo propugnava essencialmente um regresso aos velhos tempos da Igreja Bracaraense, independente de Roma, como aquela que mais de perto se identificava com a religiosidade popular de um povo que era o seu e que ele tão bem conhecia e... amava. Assim se compreendem os seus contínuos panegíricos de Alexandre Herculano, do bispo de Viseu, D. Alves Martins, do Pe. António Vieira, de frei Bartolomeu dos Mártires e tantos outros que elegia como paradigmas do verdadeiro cristão. Só que os tempos não estavam ainda maduros para aquilo que viria a ser o seu grande sonho: uma igreja evangélica verdadeiramente nacional, sem enquistamentos a hierarquias ou a ditames do exterior. E, embora fiel à Sociedade Wesleyana, com quem, de resto, manteve sempre estreita cooperação, outros valores e

desígnios se escondiam no mais íntimo de si mesmo, acabando por despontar no final da década de setenta e com um ímpeto que será muitas vezes incompreendido e criticado pelos próprios companheiros de percurso. É que, homem de convicções arreigadas e de carácter tenaz, Diogo não tergiversava sempre que se impunha a tomada de posições sobre questões de fé ou da sua prática. E, numa época de implantação de novas confissões, num terreno ainda insuficientemente arroteado, nem sempre a frontalidade constituía a ferramenta ideal para consumir o objectivo pretendido.

A proclamação da República em Espanha, em 11 de Fevereiro de 1873, teve de imediato ecos importantes em Portugal. Em carta de 15 de Março deste ano, Moreton reconhecia que

«a vida política neste país está um pouco perturbada, tendo os recentes acontecimentos em Espanha afectado Portugal. Sentimentos republicanos são livremente expressos e fazem-se mais do que meras insinuações, sugerindo-se, que o Rei siga o exemplo do seu cunhado. Alguns começaram já a fazer greve para que os salários sejam aumentados e outros estão, evidentemente, prontos a dar o mesmo passo, o que mal podemos censurar, considerando o tratamento severo que frequentemente têm de suportar e os salários baixos que recebem⁶².»

Os tempos que se viviam em Portugal eram, pois, de grande efervescência e, embora pareça não ter havido ligação alguma com este clima, o certo é que foi precisamente por esta altura que começou a estalar o «verniz» que unia Cassels e Moreton. A primeira desinteligência teria ocorrido precisamente em Junho deste ano. Para Moreton era preferível avançar lenta, mas seguramente, sem provocar distúrbios, contrapondo Cassels uma expansão mais ampla e mais dinâmica, e já nesta altura os intuitos «independentistas» de Diogo vêm ao de cima. Cremos que este primeiro litígio foi precedido de anteriores controvérsias. Porém, nada chegou até nós que nos permita fundamentar essa opinião⁶³.

Durante o conflito, Cassels terá aproveitado para visitar Londres, e Weiseman, um secretário da Sociedade, teria mesmo tentado pôr «água-na-fervura», provavelmente por perceber a importância do trabalho que se desenvolvia e o profundo empenho de Diogo. Como confessa Moreton, «ele tem uma energia e uma consagração extraordinárias e não se poupa a si próprio em nada, e a sua paixão pelas almas consome-o⁶⁴.» Esta entrega e este dinamismo, se explicam o interesse numa permanente expansão, explicam também o conflito entre a sua orientação, voluntarista, e a outra, mais controlada e talvez mesmo mais metódica, preconizada por Moreton, talvez reflectindo a contradição entre o «sangue latino» de um e a fleuma britânica de outro.

62 *Ibidem*, p. 132.

63 Sobre esta questão, ver mais detalhes no nosso trabalho de dissertação *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*, Parte 2 - Cap. 7.

64 ASPEY, A.: *Op. cit.*, p. 138.

Aparentemente os anos seguintes parecem ter decorrido sem grandes incidentes entre os dois destacados dirigentes do metodismo português. Mas os conflitos permanecem latentes. Vários padres saem da Igreja Católica. Surge a Igreja Episcopal Reformada, em 1876, resultando da união de várias congregações, sob o «modelo anglicano», e elege Ángel Herreros de Mora como seu bispo. Nascia, assim, o embrião da futura Igreja Lusitana. No dia 25 de Março de 1877 é finalmente inaugurado o templo metodista tão ansiado por Moreton.

As divergências voltaram a despontar no ano de 1879, agravando-se durante as férias do reverendo inglês. A questão do «rebaptismo» veio colocar de novo os dois homens no âmbito de um conflito doutrinário que traria importantes consequências futuras. Em carta ao rev. Rule⁶⁵, datada de Fevereiro, Diogo Cassels afirma a sua discordância com Moreton. Para Diogo não havia necessidade de rebaptizar um membro que já tivesse sido anteriormente baptizado pela Igreja Católica Romana. Moreton entendia não dever opor-se caso alguém (como aconteceu) desejasse ser rebaptizado. Outras questões entretanto surgiram dividindo ainda mais estes dois obreiros⁶⁶.

Os dois homens coabitavam dificilmente, e Diogo não abria mão das suas convicções. Os pretextos mais insólitos serviam agora para dividir dois homens que durante anos contribuíram poderosa e fraternalmente para a consolidação do protestantismo no Porto. E alternadamente chegavam à Inglaterra as queixas de um e de outro. Cassels autonomizava-se cada vez mais face aos rituais preconizados por Moreton, que lhe censurava não apenas o curvar-se em certos momentos dos cultos, mas também a distribuição de dinheiro aos pedintes a que procedia no final dos mesmos.

Em 14 de Junho de 1880 Cassels escreve ao Dr. Punshon informando-o da sua decisão em se desligar da Igreja Metodista. Cassels afastava-se para não pactuar com práticas que, segundo ele, poderiam transformar a Igreja Metodista em algo de muito próximo do presbiterianismo, do «Kallejismo», ou de «outros pregadores não denominacionais, «Irmãos, como eles se chamam» e, como seria impossível prosseguir, uma vez que Moreton continuaria no Porto, e acusara-o, inclusive, de ser o causador da sua doença, iria então ligar-se à Igreja Episcopal Lusitana⁶⁷.

Moreton estava convicto que nem três pessoas acompanhariam Cassels na sua saída. Mas a saída de Cassels não era tão inóqua como ele quisera crer. Com efeito, à data da separação (Junho de 1880), existiam 116 membros professos e 15 à prova, número que ficou reduzido depois para 58 e 6 respectivamente, como consta da acta da Junta reunida em Julho⁶⁸, representando uma perda global de 67 elementos. Uma vez que a Congregação

65 O rev. Rule pertencia à Igreja Metodista de Inglaterra e era doutor em Teologia, antigo capelão militar em Gibraltar e fundador e director da missão metodista de Gibraltar. Esteve em Gaia, pregando no Torne, em 17 de Novembro de 1878. Tinha então 75 anos. (*A Reforma* de 21 de Novembro de 1878).

66 Sobre esta questão, ver mais detalhes no nosso trabalho de dissertação *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*, Parte 2 - Cap. 7.

67 ASPEY, A.: *Op. cit.*, p. 257.

68 Referida por ASPEY, A.: *Op. cit.*, p. 262.

do Torne possuía já 36 membros e 7 à prova, isto significaria a absorção de mais 24 elementos do circuito metodista, talvez motivados pela adesão da Congregação do Torne à Igreja Lusitana.

A saída de Cassels não terminou com o diferendo. Com efeito, a incompatibilidade entre ambos irá permanecer por longos anos, aqui ou ali trocando visitas, mas também de vez em quando surgindo de novo «alfinetadas», a recordar que muitas vezes as aparências de unidade, não passavam exactamente de aparências... Alguns anos decorreram ainda até que os dois homens voltassem a colaborar, o que parece ter acontecido apenas já no presente século, quando Moreton volta a Gaia e Diogo publica notícias congratulatórias sobre Moreton.

Em que medida esta cisão comprometeu (ou não) uma mais forte implantação do metodismo no Porto, é uma questão em aberto. O mesmo se poderia dizer, com certeza, no que respeita à Igreja Lusitana. De qualquer forma, o que fica para a história é o exemplo destes dois enérgicos pioneiros na luta contra um rival muito mais possante, a Igreja Católica, as dificuldades que tiveram de suprir e as incompreensões que tantas vezes tiveram de suportar, numa época controversa de grandes mutações sociais, culturais e mesmo políticas.

Fontes e bibliografia

1. Fontes directamente ligadas com este texto

1.1. Fontes manuscritas

Alfabetical Register of Interments, Arquivo da Capela Britânica de St. James, Porto.

Letter Book 1814-1874, cópia manuscrita do original existente na Guildhall Library, em Londres, contendo o registo de baptismos, casamentos e enterramentos, Arquivo da Capela Britânica de St. James, Porto.

Livro de Actas da Junta Paroquial, vol. I, de 4 de Fevereiro de 1894 a 12 de Janeiro de 1902, Arquivo da Paróquia Lusitana de São João Evangelista, V. N. de Gaia.

Livro de Actas da Junta Paroquial, vol. II, de 2 de Fevereiro de 1902 a 18 de Agosto de 1910, Arquivo da Paróquia Lusitana de São João Evangelista, V. N. de Gaia.

Livro dos Baptizados da Egreja Evangelica Methodista Portuguesa/Capella do Torne/Primeiro do Archivo, (contém 482 registos de baptismo efectuados entre 1874 e 1949) Arquivo Paroquial da Paróquia Lusitana de S. João Evangelista, V. N. de Gaia.

Livro de Casamentos, Arquivo da Capela Britânica de St. James, Porto.

Livro de Enterramentos 1874-1918, Arquivo da Capela Britânica de St. James, Porto.

Livro de Registo de Baptismos 1874-1910, Arquivo da Capela Britânica de St. James, Porto.

1.2. Fontes impressas

1.2.1. Publicações periódicas⁶⁹

Amigos de Gaia, V. N. Gaia, boletim da Associação Cultural «Amigos de Gaia», de Outubro de 1978, Outubro de 1982, Dezembro de 1984, Maio de 1986 e Julho de 1991.

Arauto Cristão, Setúbal: de Outubro de 1910 a Setembro de 1915.

O Bom Pastor, Gaia: de Agosto de 1901 a Dezembro de 1916.

O Concelho de Gaya, de 9 e 16 de Agosto de 1873 e de 6 de Junho de 1874.

O Despertar, órgão da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, V.N. Gaia: n.ºs. 53/54 de 21 de Novembro de 1965, e n.ºs. 77/78 de 1970.

Ecclesia, Lisboa: Janeiro de 1949 a Dezembro de 1955 (36 números).

Egreja Lusitana, Gaia: de 20 de Outubro de 1892 a 1 de Novembro de 1923.

O Evangelista, Lisboa: 1 de Janeiro de 1893 a 1 de Janeiro de 1901.

Igreja Lusitana, Lisboa: número único de Março de 1930.

Light & Truth, Dublin: de Janeiro e Março de 1881.

A Luz e a Verdade, Porto: de Agosto de 1902 a Julho de 1905; de Setembro de 1905 a Julho de 1907; de Maio de 1908 a Dezembro de 1910⁷⁰; de Janeiro de 1914 a Dezembro de 1922.

A Palavra (órgão afecto à Igreja Católica), Porto: de 1 de Agosto de 1872.

Portugal Evangélico, Porto: de 15 de Novembro de 1923, 15 de Julho de 1930, 15 de Janeiro de 1932, 15 de Agosto de 1935 e 15 de Abril de 1938.

A Reforma, Porto: de 2 de Agosto de 1877 a 28 de Dezembro de 1889⁷¹. Foi ainda publicado um número único d'*A Reforma*, comemorativo dos primeiros cinco anos de trabalho em Portugal da Sociedade Brasileira de Evangelização, Lisboa, 30 de Agosto de 1930.

1.2.2. Outras publicações

AFONSO, J. A. Moreno e LACERDA, S. A.: «Memórias da Escola do Torne», in *Gaia de há 100 anos, Actas do colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*. Junta Paroquial de S. João Evangelista, Vila Nova de Gaia, 1996), p. 169-223.

⁶⁹ As datas mencionadas referem-se apenas aos exemplares das publicações que consultámos. Nalguns casos (que referimos nesta listagem) soubemos da existência de séries que não chegámos, contudo, a ver.

⁷⁰ Não lográmos identificar esta série. Sabemos da sua existência através do *Levantamento de publicações existentes no Torne referentes à Igreja Lusitana*, inventário dactilografado, da autoria de António Manuel Pinto da Silva, de 1983, existente no Arquivo da Paróquia de São João Evangelista.

⁷¹ Embora Eduardo Moreira e Albert Aspey refiram que o periódico se manteve até 1892, não lográmos encontrar qualquer exemplar posterior aos acima referidos.

- AFONSO, J. A. Moreno e LACERDA, S. A.: «Esplendor de uma escola. Subsídios para o estudo da Escola do Torne (1894-1923), in *Amigos de Gaia*, revista da Associação Cultural «Amigos de Gaia», n.º de Dezembro de 1996, Vila Nova de Gaia: p. 27-47. *Almanach para 1909* (dir. por Armando Pereira de Araújo), Porto: ed. «Bibliotheca Antonio Maria Candal», 1908.
- Almanach das familias christãs protestantes para 1901*. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1900.
- AMÉRICO, Dom, bispo do Porto: *Instrucção pastoral sobre o protestantismo, dirigida aos seus diocesanos pelo Bispo do Porto, D. Américo*, Porto: Imprensa Commercial, 1878.
- ARTOLA, M.: *La burguesía revolucionaria (1808-1869)*. Vol. 5 da *Historia de España Alfaguara*, Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1973.
- ASPEY, A.: *Por este caminho. Origem e progresso do metodismo em Portugal no século XIX*, Porto, edição do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, 1971.
- BARRETO, J.M.: *Introdução da Reforma em Portugal*. Extracto da conferência realizada na União Christã Evangélica da Mocidade Portuguesa em 23 de Fevereiro de 1901, Lisboa.
- BORROW, G.: *La Biblia en España, o Viajes, aventuras y prisiones de un inglés en su intento de difundir las Escrituras por la Península*. Com introdução, notas y traducción de Manuel Azaña, Madrid: Alianza Editorial, 4.ª reimpressão, 1996. [A primeira edição data de 1921.]
- BROOMHALL, M.: *W.W. Cassels, First bishop in Western China*, London: The China Inland Mission, 1926.
- CABRAL, D. de Pina: «The Lusitanian Church of Portugal, By Louis A. HASELMAYER», in *Ecclesia*, nº 9, Lisboa: Igreja L.C.A.E., Janeiro de 1951, pp. 20-24.
- CABRAL, J. dos Santos de: *A Igreja Lusitana - reforma católica em Portugal?*, tese de licenciatura, dactilografada, Porto: s/d.
- CARDOSO, M.P.: *História do protestantismo em Portugal*. Figueira da Foz, Cadernos C.E.R. nº 2, Dezembro de 1985.
- CARDOSO, M.P.: «Protestantismo em Portugal», in ICALP, revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, nº 18, Lisboa, Dezembro de 1989, pp. 141-149.
- CASSELS, A.B.: *Lest we forget. Popular readings for parish and home*, vol. I, Vila Nova de Gaia, Biblioteca «Bom Pastor», 1921.
- CASSELS, D.: *Proposed new church at Torne, Villa Nova de Gaya, near Oporto*, Portugal, to be dedicated to St. John the Evangelist, in memory of the late John Cassels, of Oporto, Londres.
- CASSELS, D.: *The story of the Lusitanian Reformed Church by a presbyter of the Church*⁷². Dublin: Pulvertaft & Cº (1894/95).

72 Atribuímos a autoria a Diogo Cassels baseando-nos na estrutura do texto (em muitos aspectos semelhante à *A Reforma em Portugal*, publicado também anonimamente), nas referências ao autor, contidas no prefácio do

- CASSELLS, D.: *A Reforma em Portugal*, Porto: Typographia a vapor de José da Silva Mendonça, 1906.
- CASSELLS, D.: *Compendio de moral pratica, doutrina christã e noções elementares da historia geral*, 4ª. ed. (revista e corrigida por G.P. Pope), Porto: Tipografia Mendonça, 1921.
- CATROGA, F.: «O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911)», in *Análise Social*, 24, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1988, pp. 211-273.
- COELHO, T.: *Manual político do cidadão português*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 1906.
- COLLETTE, Hastings: *Inovações do romanismo*. 2ª ed. (Trad. da versão espanhola por Guilherme Dias), Lisboa: Typ. Adolpho, Modesto & Cª, 1886.
- DELAFORCE, J.: *Anglican abroad. The history of the chaplaincy and church of St. James at Oporto*. Londres: SPCK Holy Trinity Church, 1982.
- DIAS, G.: *O que é a missa*. 2ª ed., Porto: Typographia Guttenberg, 1888. [A 1ª ed., de Julho de 1888 foi de 3500 exemplares e esgotou-se em 2 meses; a segunda edição é de Setembro seguinte e foi já de 6500].
- DIAS, G.: *Artigos, discursos e conferências*. Porto, 1893.
- DOOLAN, A.: *Um resumido esboço histórico do movimento conhecido como «Irmãos»*. Porto: s/e, s/d.
- FERREIRA, G.L. Santos: *A Bíblia em Portugal*. Apontamentos para uma monographia 1495-1850, Lisboa: s/e.
- FIGUEIREDO, J. dos Santos: *Christianismo e ultramontanismo. Protesto patriótico contra Roma*. Porto: Typ. de Jose da Silva Mendonça, 1892.
- FIGUEIREDO, J. dos Santos (sob o pseudónimo de Joaquim do Sá Pereira do Lago): *Jesuítas e protestantes*. V.N. Gaia: Typ. de Francisco Martins Barbosa. 1892.
- FIGUEIREDO, J. dos Santos: *Do ateísmo*. V.N. Gaia, 1909: Biblioteca «Antonio Maria Candal», série 2, opúsculo 5.
- FIGUEIREDO, J. dos Santos: *Factos notaveis da historia da Igreja Lusitana*. V.N. Gaia, 1909: Bibliotheca «Antonio Maria Candal», série 2, opúsculo 2.
- FIGUEIREDO, J. dos Santos: *A Igreja Romana não pode ser a igreja nacional*. Porto, 1912: Bibliotheca «Antonio Maria Candal», série 3, opúsculo 3.
- FREITAS, Pe. Sena: *Critica à critica*. Porto: Livraria Portuense, 1879.
- Gaia de há 100 anos. Actas do colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne (1894-1994)*. Junta Paroquial de São João Evangelista, Vila Nova de Gaia: 1995.
- GUICHARD, F.: «Le protestantisme au Portugal», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 28, 1990, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris (1990: pp. 455-482 (contém informações bibliográficas importantes sobre o estudo das minorias religiosas protestantes em Portugal).
- GUICHARD, F.: «Minorités religieuses et de pensée à l'époque contemporaine en pays latins: quelques pistes de recherche. Texto apresentado à mesa-redonda «Minorias religiosas e de pensamento», Talence: 25 e 26 de Novembro de 1991 (dactilografado).

- GUICHARD, F.: «Madère, pôle de diffusion du protestantisme dans le monde lusophone». Separata das Actas do Congresso Internacional de História, «Missionação portuguesa e encontro de culturas», vol. 4, *Missionação: problemática geral e sociedade contemporânea*, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993, pp. 157-171.
- GUICHARD, F.: «La place de Madère dans l’histoire du protestantisme lusophone (XIX^e-XX^e siècles)», separata das Actas do 3^o Colóquio Internacional de História da Madeira, Madeira: Secretaria Regional do Turismo e Cultura e Centro de Estudos de História do Atlântico, 1993, pp. 585-595.
- GUICHARD, F.: «O Torne e a Igreja Lusitana no contexto do protestantismo português do século XIX», in *Gaia de há 100 anos - Actas do colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*, Junta Paroquial de São João Evangelista, Vila Nova de Gaia, 1995, pp. 411-429.
- HORTA, N. Pinto: «Pensamento católico e vivência evangélica na personalidade de Diogo Cassels: uma abordagem teológica», in *Gaia de há 100 anos - Actas do colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*, Junta Paroquial de São João Evangelista, Vila Nova de Gaia, 1995: pp. 89-96.
- St. John’s Magazine*, Outono de 1905, Surrey: St. John’s Hall College.
- JONES, J. *Manual do baptismo cristão*. Porto: Missão Baptista Portuguesa, s/d.
- KALLEY, R.R.: *Exposição de factos relativos à agressão contra os protestantes na ilha da Madeira*. Lisboa: s/e., 1875.
- KINGWELL, C.: *Os crimes da Igreja. Resposta ao ultimo congresso catholico em Lisboa*. Lisboa: s/e. 1899.
- MAYOR, J.E.B.: *The Spanish Reformed Church*. Cambridge: MacMilan and Bowes, 1985.
- In Memoriam. Três anos depois (1931-1934)*. Lisboa: Centro Missionário Nacional, 1934.
- MOREIRA, E. Henriques: «Notas historicas sobre a origem das igrejas evangelicas em Portugal», separata da *Revista de História*, Braga, 1913; ed. do autor.
- MOREIRA, E. Henriques: *Esboço da história da Igreja Lusitana*. Edição do Sínodo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, 1949.
- MOREIRA, E. Henriques: *Vidas convergentes. História breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal, a partir do século XVIII*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958.
- MOREIRA, J. M. Mendes: *Origens do episcopalismo em Portugal. O despertar da Igreja Lusitana (1839-1899)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995.
- NOYES, H.E.: *Church Reform in Spain and Portugal*, Londres: Cassels & C^o, 1897.
- Obra evangelica em Portugal*. Lisboa: Typ. Medeiros, 1908.
- OLDKNOW, J.: *A Month in Portugal*, Londres, 1855.
- PEIXOTO, F.: «Igrejas evangélicas no Grande Porto», in *Forum sociológico*, n.º. 4, Lisboa, Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica, Departamento de Sociologia

- da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Janeiro/Junho de 1994, pp. 147-162.
- PEIXOTO, F.: «A dívida do protestantismo aos Cassels», in *Gaia de há 100 anos - Actas do colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*, Junta Paroquial de São João Evangelista, Vila Nova de Gaia, 1995: pp. 35-56.
- PEIXOTO, F.: *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*. Dissertação de mestrado apresentado à F.L.U.P., 2 vols., Porto, 1995.
- PEIXOTO, F.: «O que se sabe e o que se procura sobre o protestantismo em Portugal», in *Dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine*, Lusotopie, 1999, Paris: Éditions Khartala, pp. 257-269.
- PLUNKET, W.C., bispo de Meath: *Discurso pronunciado pelo Exm^o. e Revm^o. Lord Plunket, bispo de Meath (Irlanda), n'uma reunião havida na congregação de São Paulo, n'esta cidade de Lisboa, no dia 10 de Abril de 1881*. Lisboa: Typ. dos Marianos.
- PULVERTAFT, T.J.: *Report of a visitation tour*, s/l, s/a. [Impresso em Dublin, por Charles W. Gibbs]. 1897.
- PULVERTAFT, T.J.: *In memoriam Thomas Godfrey Pembroke Pope D.D.*. Lisboa: Typographia Universal (Imprensa da casa real), 1902.
- SILVA, A.M.S. Pinto: «A Igreja Lusitana e a instauração da República», in *O Novo Despertar*, n. 56, órgão oficioso da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, Porto: Sínodo Diocesano da I.L.C.A.E., Outubro de 1989.
- SILVA, A.M.S. Pinto: «A Igreja Lusitana e o republicanismo (1880-1910). Convergências e expectativas do discurso ideológico», in *A vida da República Portuguesa, 1890-1990*, vol. 2, Lisboa: Cooperativa de Estudos e Documentação Universitária Editora, 1995. pp. 739-756.
- SILVA, M.L. Coelho da, bispo-conde: *Instrução pastoral contra o protestantismo*. Coimbra: Tipografia Conimbricense Lda., 1931.
- The Spanish and Portuguese Church Aid Society: its work and needs*. S/l, s/d (posterior a 1900).
- TESTA, M.P.: *O apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963.
- TESTA, M.P.: *Injuriados e perseguidos. Panorâmica histórica da fé reformada em Portugal*, Montijo: s/e., 1977.

2. Outras obras com interesse para a história do movimento evangélico português

- ALMEIDA, F. de: *História da Igreja em Portugal*. 4 vols., nova edição, preparada e dirigida por Damião Peres, Porto: Portucalense Editora, 1967.
- ANDRÉ, J.V. Ramos: *A obra missionária em Portugal*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.
- BRUNO, Sampaio: *A questão religiosa*. Porto: Chardron, 1907.
- BRUNSWICK, H.: *O protestantismo*. Lisboa, 1926.

- CORREIA, F. Carvalho: «A introdução da Reforma a Norte do Douro», in *Boletim Cultural de Esposende*, Câmara Municipal de Esposende, Junho de 1984, pp. 25-37.
- ERICSON, G.C.: *Os evangélicos em Portugal*. Lisboa: Núcleo, 1984.
- FELIZARDO, H.: *História dos baptistas em Portugal*. Lisboa: CEBAPES, 1995.
- MOREIRA, E. Henriques: *Meio século de evangelização em Portugal e no Brasil: A história da vida do evangelista Sr. Henrique Maxwell Wright*. Porto: J.P. da Conceição, 1928.
- MOREIRA, E. Henriques: *O defensor da Verdade*. Lisboa: Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1928.
- MOREIRA, E. Henriques: *Igreja em ruínas*. Lisboa: Livraria Triunfo Editora, 1930.
- MOREIRA, E. Henriques: *The significance of Portugal. A survey of the religious situation*. Londres: World Dominion Press, 1933.
- MOREIRA, E. Henriques: *A situação religiosa em Portugal. Conspecto e considerações*. Lisboa: ed. do Portugal Novo, 1935.
- MOREIRA, E. Henriques: *Crisóstomo português: elementos para a história do púlpito*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1957.
- MOREIRA, E. Henriques: *Considerações sobre revolução e Reforma em Portugal e no mundo*. Lisboa: 1976.
- RIBEIRO, E.: *Da Reforma luterana à Contra-reforma ibérica*. Lisboa: Núcleo, 1987.
- RIBEIRO, J. Martins: *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990.
- RUDERS, C.I.: *Viagem em Portugal, 1798-1802*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.
- VILAR, J.B.: *Intolerancia y libertad en la España contemporánea. Los orígenes del Protestantismo español actual*. Madrid: Ed. Istmo. 1994.